

MUDANÇA

P. Pontes

Carlos Prates, ontem, 1957. O menino sentou-se nos calcanhares para olhar pela última vez as luzes da cidade, lá longe, lá embaixo, quase um quadro de moldura preta que se ia afunilando para terminar onde a vista acabava. Deu câibras na barriga da perna e levantou-se, mas sem tirar os olhos da cidade que julgava adormecer. Em sua cabeça de criança-menino não moravam outros problemas que o da mudança, apenas carregar suas coisas o amolava, a arrumação na casa nova ia dar um trabalho, ora se ia. Pedacinho de quintal aquê que ia deixar, com um raro pé de pitanga que, além de uma ou outra fruta que êle nem lembrava quando, servia bem para molhar a irmã quando chovia e, de maldoso e ranzinza, mandava a irmã ficar debaixo da árvore para depois dar um pontapé e sair correndo dos pingos que ensopavam a cabeça da menina, bôba que era.

Do jôgo de finca e de bolinha de vidro nem se falava: onde quer que fôsse haveria sempre um pedaço de terra para riscar ou furar um pilôto. Para a galinha de pescoço pelado, com seus pintos de pudins de pão, não haveria problema — a minhoca é universal.

As aves, errantes apátridas que se dariam bem num pedaço de chão, numa poça de barro. Seus olhinhos iam descobrindo coisas esparsas da vida diária.

O estuque caindo no comêço da escada, com os tijolos sujos aparecendo, e a casa do cachorro Smuk — nome estran-

geiro, afirmara o irmão mais velho — que de tanto raspar a parede criou um friso retinho, retinho.

Só ia sentir mesmo falta era do bambuzal; bambuzal dos caniços de pesca em rio imaginário, porque de água só a da torneira — às vêzes — nem pedaço de córrego tinha no bairro; só se fôsse pescar no Arrudas — pescaria cada coisa engraçada! Bambuzal do forno que fizera para os assados do casamento da irmã. Bambus para aparar, lixar e jogar feijão na cabeça dos passantes, escondido no alpendre: levava cada cocada da mãe, bem no alto da cabeça. Ah, se desse tempo êle ainda cortaria umas dez varas, mas pra quê, não pagava a pena.

Outra vez olhou as luzes da cidade, que tremiam em compasso com seu corpo friorento. Será que estava com frio ou era já saudade do canto de quintal onde se fizera menino? O menino, esbôço do homem, bateu o pé na poeira fina — coisa chata era varrer o chão todo sábado — sacudiu a cabeça e saiu de mão no bôlso para atender os gritos da mãe que já entrava na boléia do caminhão da mudança. Não olhou pra trás, nem pensou em nada. Só menino consegue pensar em nada...